

# Contaçon de história e seus enlaces: literatura, prática leitora e criatividade

**Resumo:** A literatura e sua prática são apresentadas como meio para desenvolver inúmeras habilidades, dentre elas o autoconhecimento, a autonomia e a criatividade. Diante disso, é possível perceber o quanto ela pode ser essencial na sala de aula de alfabetização, sendo trabalhada de forma prazerosa e instigante, através da contaçon de história. O presente artigo parte de um estudo realizado com crianças em fase de alfabetização, que mostra como a contaçon de história trabalhada como deleite pode incentivá-las a desenvolver a prática leitora e seu amor pelos livros. É um trabalho de abordagem qualitativa, que utiliza como procedimento metodológico a observação participante e a aplicação de questionário para seu desenvolvimento. O objetivo é incentivar e compreender a prática da leitura como formadora do leitor por prazer, propiciar a autonomia dessas crianças; a ampliação da criatividade e da imaginação infantil através da contaçon e do relato de histórias, formando leitores que possam interpretar e compreender o que leem; despertar a curiosidade e possibilidade de diferenciação do mundo da fantasia do mundo em que vivem, instigando, assim, a prática leitora. Os resultados foram obtidos diante dos dados encontrados durante a contaçon de história desenvolvida e do questionário de pesquisa aplicado. A conclusão mostra a grande relevância da prática leitora que só passa a existir quando se tem um elo entre família e escola, e sobretudo quando a criança é colocada como ator principal nessa perspectiva, e também enfoca como o potencial da imaginação e da criatividade tende a expandir quando aliado à literatura.

**Palavras-chave:** educação; meios de ensino; material de ensino; acervo bibliográfico; livro de leitura.

**Antônia Sara Sammily Regis Paiva**

Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN)  
milly.sara@gmail.com

**Keutre Gláudia da Conceição Soares Bezerra.**

Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN)  
keutresoares@uern.br

## Storrytelling and its links: literature, Reading practice and creativity

**Abstract:** Literature and its practice are presented as a means to develop numerous skills, among them self-knowledge, autonomy and creativity. In view of this, it is possible to perceive how essential it is in the literacy classroom, being worked in a pleasant and thought-provoking way, through storytelling. This article is based on a study carried out with children in the literacy phase, showing how storytelling worked as a delight can encourage them to seek to develop their reading practice and their love for books. It is a work with a qualitative approach, using participant observation and the application of a questionnaire for its development as a methodological procedure. In order to encourage and understand the practice of reading as a reader for pleasure, to provide the autonomy of these children; the expansion of children's creativity and imagination through the telling and retelling of stories, forming readers who can interpret and understand what they read; arouse curiosity and the possibility of differentiating the fantasy world from the world in which they live, thus instigating the reading practice. The results were obtained from the data found during the storytelling developed and the applied research questionnaire. The conclusion shows the great relevance of the reading practice that only comes into being when there is a link between family and school, and especially when the child is placed as the main actor

in this perspective, and also focuses on how the imagination and creative potential tends to expand. when combined with literature.

**Keywords:** education; teaching means; teaching material; bibliographic collection; reading book.

## La narración y sus vínculos: literatura, práctica lectora y creatividad

**Resumen:** La literatura y su práctica se presentan como un medio para desarrollar numerosas habilidades, entre ellas el autoconocimiento, la autonomía y la creatividad. Ante esto, se puede ver cuán imprescindible puede ser en el aula de alfabetización, trabajándose de forma amena y sugerente, a través de la narración de cuentos. Este artículo se basa en un estudio realizado con niños en fase de lectoescritura, que muestra cómo la narración de cuentos funciona como un deleite que puede incentivarlos a desarrollar su práctica lectora y su amor por los libros. Es un trabajo con enfoque cualitativo, que utiliza la observación participante y la aplicación de un cuestionario como procedimiento metodológico para su desarrollo. El objetivo es incentivar y comprender la práctica de la lectura como una forma de formar lectores por placer, dotando a estos niños de autonomía; la expansión de la creatividad y la imaginación de los niños a través de la narración y el recontar, formando lectores que puedan interpretar y comprender lo que leen; despertar la curiosidad y la posibilidad de diferenciar el mundo de fantasía del mundo en el que viven, instigando así la práctica lectora. Los resultados se obtuvieron a partir de los datos encontrados durante la narración desarrollada y el cuestionario de investigación aplicado. La conclusión muestra la gran relevancia de la práctica lectora que sólo se concreta cuando existe un vínculo entre la familia y la escuela, y especialmente cuando se coloca al niño como actor principal en esta perspectiva, y también se enfoca en cómo el potencial de la imaginación y la creatividad tiende a expandirse cuando se combina con la literatura.

**Palabras clave:** educación; medios de enseñanza; material de enseñanza; colección bibliográfica; libro de lectura.

## Introdução

Sabemos que a criança em seu processo de alfabetização necessita de todo um suporte e aparato da escola e de seus profissionais, para que a prática da leitura aconteça rotineiramente e de forma efetiva. Esta deve acontecer de maneira convidativa e lúdica, tornando possível a aproximação da criança ao livro a partir do despertar da curiosidade e da imaginação, proporcionando uma proximidade íntima entre leitor e literatura, levando em consideração as mais variadas expressões individuais.

Dessa forma, se fez necessário conhecer as crianças colaboradoras da pesquisa para identificar qual a proximidade delas com o mundo da leitura, se têm esse contato frequente, se o contato

acontece em casa, ao lado da família, se existe esse incentivo com momentos de leitura, se essas crianças gostam de ler, sentem-se felizes ao ler, e como veem esse momento na escola, se é visto como algo chato, sem interesse ou um momento convidativo e proveitoso.

Diante disso, o presente trabalho apresenta como a mediação literária na sala de aula pode incentivar a criança a se desenvolver além da prática leitora, como também possibilita um reconhecimento de si e das habilidades criativas, mostrando o quanto a imaginação pode dar suporte e segurança no momento de interpretar e apresentar argumentos pós-contação de história, corroborando com práticas interdisciplinares e muitas vezes imperceptíveis no cotidiano de desenvolvimento de cada aluno/a, mas que passam a fazer a diferença no aprendizado e na rotina diária fora do ambiente escolar.

Nessa perspectiva, trabalhamos um conto infantil já conhecido e muitas vezes trabalhado em sala de aula, que pode ser apreciado desde a educação infantil até a vida adulta, conhecido por muitas crianças, senão todas, visto que costuma ser muitas vezes apresentado em casa pelos pais/mães para seus/suas filhos/as, em momentos espontâneos de conversas com as crianças e contações de histórias.

Trata-se do conto *Chapeuzinho Vermelho*, apresentado na versão dos Irmãos Grim, a partir do qual realizamos uma intervenção, buscando observar e proporcionar a magia da leitura no cotidiano de crianças em fase de alfabetização, oportunizando criar novos olhares sobre a prática leitora, além de possibilitar a ampliação da capacidade crítica, reflexiva e criativa delas.

A pesquisa foi desenvolvida com base em uma atividade de contação de história. Escolhemos contar a história por considerar a contação mais interativa do que a leitura em voz alta, bem como nas conversas pós-contação. Além disso, analisamos um questionário que as crianças responderam com facilidade por já saberem ler e apresentarem capacidade de compreensão do que é lido. Embora em alguns momentos tenham pedido ajuda para esclarecimento de dúvidas, conseguiram responder de forma satisfatória o questionário.

É um trabalho de abordagem qualitativa, a partir de uma intervenção, utilizando como procedimento metodológico a observação participativa e aplicação de questionário para seu desenvolvimento, além da conversa pós-contação, que se configura como o momento pós-leitura, de acordo com a proposta de Graves e Graves (1995), a

partir da qual embasamos o desenvolvimento do momento de contação de histórias como uma forma de trabalhar com o texto literário.

Buscamos, como objetivo geral, incentivar e compreender a prática da leitura como formadora do leitor por prazer, observando a capacidade enriquecedora da autonomia das crianças e do processo de criatividade e imaginação infantil, quando introduzida como instrumento lúdico de aprendizagem. Além disso, temos, como objetivos específicos, estimular e desenvolver a criatividade e a imaginação através da contação e do reconto da história *Chapeuzinho Vermelho*, no intuito de formar leitores que possam interpretar e compreender aquilo se lê. Ademais, buscamos despertar a curiosidade e possibilidade de diferenciação entre o mundo da fantasia e o mundo real, instigando, assim, a prática leitora.

A análise dos resultados foi realizada a partir de observações durante a desenrolar da atividade, enfocando todo o processo da contação de histórias, que envolveu os seguintes momentos: antes da contação (pré-leitura), durante a contação (leitura), que trata da narrativa da história contada oralmente pela pesquisadora, e o momento pós-contação (pós-leitura), caracterizado pela participação das crianças em uma conversa sobre a narrativa, (GRAVES; GRAVES, 1995), além do reconto da história, que nesta atividade se deu por meio de desenhos e pinturas. Vale salientar que neste trabalho não apresentamos resultados oriundos dos desenhos e pinturas, pois nos detivemos apenas ao momento da conversa e às respostas do questionário.

Nesse sentido, constituem o *corpus* da presente investigação as conversas que ocorreram em todo percurso da intervenção, como também o questionário aplicado, com atenção ao posicionamento das crianças durante a conversa, buscando elementos que pudessem sustentar a análise e nos levar a compreensão da prática de leitura do texto literário como fator importante no desencadeamento de expressões da imaginação e da criatividade suscitadas pela história contada.

Como resultados, podemos perceber que a prática leitora pode acontecer de forma efetiva quando existe um elo entre a família e a escola no tocante ao incentivo à leitura, e sobretudo quando a criança é colocada como ator principal nessa perspectiva, tendo a contação de histórias como uma forte aliada nesse processo, pois é uma forma auspiciosa de conduzir a criança até o mundo da literatura e, conseqüentemente, desenvolver o seu gosto pela leitura.

A pesquisa teve como base teórica alguns autores, como Abramovich (2009), Amarilha (2012), Bezerra (2020), Graves e Graves (1995), La Torre (2005), Sampaio (2015 e 2020), Villard (1999), Vygotsky (1991), os quais contribuíram como suporte teórico na compreensão do objeto de estudo, no desenvolvimento e aperfeiçoamento das ideias e no desenvolvimento de todo o trabalho.

Por fim, essa pesquisa busca a compreensão de como a prática da contação de histórias pode atuar como formadora do leitor por prazer, a partir da mobilização da capacidade da autonomia das crianças e do processo de criatividade e imaginação infantil incitados pela narrativa literária, quando introduzida como instrumento lúdico de formação.

### **Leitura, contação de histórias e a sala de aula**

A prática leitora, assim como mostra Villard (1999), não é apenas decodificar os símbolos escritos, ou como costumamos dizer “ler uma frase, ler um texto ou até mesmo um livro”. A prática leitora vai além da conhecida decodificação das palavras, indo ao encontro do que afirma Sampaio, Torres e Souza (2015, p. 12), ao mencionarem que “a leitura possibilita ao leitor vivenciar mundos encantados, mágicos, fascinantes, mas também o universo de desilusões, medos e angústias”.

Dessa forma, podemos compreender que a criança, ainda que não decodifique as palavras, consegue desenvolver uma leitura com base na interpretação, aguçando e fortalecendo o potencial de criatividade, expondo na prática métodos de contar e de criar situações muitas vezes não percebidas pelos demais leitores. Assim, a criança pode ler ao interpretar as imagens de um jornal ou desenho em um livro, pois com isso está praticando a leitura e, acima de tudo, está desenvolvendo e aperfeiçoando a capacidade criativa a partir da imaginação, podendo, diante de tais fatos, estreitar laços com a prática leitora desde cedo.

Conforme aponta Villard (1999, p. 03), “[...] o ato de ler é fundamental não apenas na formação acadêmica do aluno, mas também na formação do cidadão”, portanto, podemos ver que o incentivo à leitura traz para o aluno, conhecimentos que vão para além da sala de aula e que trazem em si todo um caráter formativo do indivíduo. Com isso, podemos perceber que quanto mais cedo a criança tiver o contato com o mundo literário, mais rápido será

o aprendizado sobre o conhecimento de mundo e o autoconhecimento, podendo, então, influenciar em sua atuação na sociedade, tornando-a agente modificadora do meio, com conhecimentos e apontamentos significativos a respeito do que vivencia e presencia, não se eximindo de responsabilidades e até mesmo atitudes por falta de experiências. Ou seja, ler e conhecer são inseparáveis e podem contribuir de forma ampla e contínua, tanto com o indivíduo como com a própria sociedade.

Esse pensamento encontra-se reafirmado em Sampaio, Torres e Souza (2015, p. 13), ao abordarem que “pensar a leitura, no sentido amplo, requer entendê-la como possibilidade de autoconhecimento, por vezes negada, enquanto direito. O ato de ler, quando favorece o engajamento do leitor, transporta-o a viagens por meio do imaginário [...]”. Percebemos, então, como a leitura é capaz de enriquecer o conhecimento do leitor e como essa prática faz com que o indivíduo possa ampliar a capacidade imaginativa e assim aguçar e engrandecer as práticas criativas.

Sabemos que a literatura na sala de aula ainda é uma prática que deixa distante suas marcas para além dos contos e leituras na escola, muitas vezes utilizadas de forma superficial em seus objetivos centrais, como o conhecimento de características do texto literário, a leitura literária e a sua ligação com o tema trabalhado. No entanto, consideramos que esse não deve ser o principal meio e muito menos o fim de um trabalho de leitura literária em sala de aula.

Concordamos com aquilo Amarilha (2012) apresenta, quando relata que a literatura acaba se tornando um momento de apaziguar as inquietações das crianças em sala, fugindo totalmente de seus objetivos, que seriam conquistar as crianças e prender a atenção nessas aventuras dos livros, nos contos, nas histórias. Dessa forma, ao apresentar uma prática leitora em sala de aula, as crianças devem sentir-se convidadas e participantes ativas desse processo.

Amarilha (2012) reforça ainda a necessária ligação entre o narrador e o receptor, sendo necessária toda uma identificação com o que se lê, através de gestos, sons, articulações, para que quem esteja ouvindo possa sentir-se bem e envolvido nesse momento, conquistando a atenção e admiração por quem ouve a história. Tais momentos passam a ser vistos como parte integradora do cotidiano de sala de aula, deixando cientes a necessidade de haver uma preparação e maior envolvimento de todas as partes envolvidas, em

que o narrador não existe sem o receptor e ambos se completam em um trabalho prazeroso e com visíveis resultados.

Esse momento oportuniza à criança participar da interação, a sentir-se influenciada pelo prazer de ler, pelo amor à leitura e tudo que esta pode proporcionar. Como postulado, o processo literário, a prática leitora e a contação de história são uma via de mão dupla, como diz Abramovich (2009, p. 143):

Ao ler uma história a criança também desenvolve todo um potencial crítico. A partir daí ela pode pensar, duvidar, se perguntar, questionar... Pode se sentir inquieta, cutucada, querendo saber mais e melhor ou percebendo que se pode mudar a opinião... E isso não sendo feito uma vez ao ano... Mas fazendo parte da rotina escolar, sendo sistematizado, sempre presente – o que não significa trabalhar em cima dum esquema rígido e apenas repetitivo.

Tais postulados nos levam a pensar que onde existe uma íntima ligação e troca de aprendizagem entre narrador e ouvintes, está sendo posta também a oportunidades de favorecer a construção do conhecimento, compartilhando aprendizagem e cultivando sementes do aprendizado, com possível disseminação de grandes fatores, como o interesse, a imaginação ampliada e a prática leitora contínua. Essa é uma das possibilidades dadas pelo reconto, o qual deixa a criança livre para reproduzir a imaginação nas mais variadas formas e com direito a se reconhecer em tais momentos, utilizando fatores internos e externos a seu favor e na ampliação de sua capacidade compreensiva. Sobre isso, Bezerra (2020, p. 159) entende que,

[...] faz-se necessário a mobilização de fatores como a emoção e a entrega de quem executa a ação de contar histórias, visando com isso despertar a emoção e a alegria do público, que ao interagir na atividade de contação de histórias, favorece o crescimento pessoal e profissional, indo ao encontro do que postula a teoria histórico-cultural com relação ao desenvolvimento psicológico do sujeito, bem como a visão de criatividade a partir deste marco teórico.

Tudo isso só é possível se considerarmos a contação de história como um processo que possibilita a construção do conhecimento, de tal forma que é preciso toda uma participação entre quem

conta e quem aprecia, visto que ambos se complementam e fazem acontecer o encanto da contação, expressando de forma clara que o conhecimento flui em conjunto com práticas muitas vezes vistas como rotineiras.

O incentivo à leitura, o prazer de ler e a conquista da criança pela literatura, é um caminho que necessita de suporte e muita participação, que vai além dos portões da escola. Apresentando a família como suporte inicial e indissociável da vida das crianças, as quais necessitam de amparo, apoio e suporte em toda a trajetória escolar. Percebemos isso conforme as palavras de Sampaio, Torres e Souza (2015, p. 13, grifo das autoras), ao defenderem que,

Diante da necessidade real de incentivo pelo gosto de ler, precisa-se considerar a formação do leitor como uma atividade que deve ser assumida por diversas instituições (família, escola, igreja, dentre outras) e não apenas uma responsabilidade da escola, uma vez que dada a essa entidade a função de ensinar a ler, a leitura se restringe, na maioria das vezes, aos manuais didáticos, vista como enfadonha e pouco atraente. Urge uma prática de leitura com engajamento dos envolvidos, tornando-a parte constitutiva da condição de ser dos sujeitos. Assim, é papel da escola criar possibilidades e/ou condições para que a formação leitora e o gosto pela leitura sejam, na prática, ações consolidadas.

Os estudos sobre literatura infantil revelam que a contação de história influencia no ensino-aprendizagem e no desenvolvimento da criança, pois a sede de conhecimento cresce a cada história contada e a cada imaginação advinda. Essa influência traz inúmeros benefícios, dentre eles podemos citar a melhor compreensão e interpretação de textos, notícias e até mesmo charges e imagens em geral, melhor desenvolvimento na escrita e na fala, fatores esses observados em primeiro momento apenas para quem trabalha em sala de aula com objetivos centrados na disciplina lecionada, mas que acontecem implicitamente em todos os momentos educativos, nos quais a contação de história possa acontecer/existir, pois ela traz muitos benefícios para alunos e professores, visto que o trabalho acontece em conjunto e jamais de forma isolada. Por meio da prática da contação de história, pode ser propiciado o contato da criança com livros e com os fatos que neles estão explícitos, no intuito de desvendar os fatos implícitos, adequando a realidade e a vivência do aluno para o estímulo da leitura e formação de grandes leitores.

A imaginação da criança tem um elo muito forte principalmente com o relato de histórias, porque esse momento que acontece a partir da contação ou leitura de uma história, faz com que a criança tenha uma liberdade maior de expressar o conhecimento e aguçar ainda mais a capacidade criativa e imaginativa, despertada na contação, sendo capaz de influenciar fortemente em sua personalidade futura, reconhecendo-se como parte formadora da sociedade em que vive.

Percebemos, assim, como a imaginação é indispensável na construção do ser como um todo, visto que apenas os seres humanos podem desfrutar dela e aperfeiçoá-la com o decorrer do tempo. Então, saber aproveitar nossas capacidades imaginativas e criativas faz com que crescamos na compreensão subjetiva de cada um, pois é a partir de nossas individualidades e especificidades que podemos nos reconhecer como produtores de conhecimento, que é mutável e em constante aperfeiçoamento, além de ser uma característica singular do ser humano. Tais afirmações podem ser percebidas nos estudos de Vygotsky (1991, p. 62), ao afirmar que:

A imaginação é uma nova formação que não está presente na consciência da criança mais nova, totalmente ausente nos animais e representa uma forma especificamente humana de atividade consciente. Como todas as funções da consciência, ela também surge originalmente da ação.

Dessa forma, a imaginação, como assegura Vygotsky, engrandece o ser humano por sua capacidade única de pensar e criar, sendo uma capacidade que se desenvolve na ação, ou seja, na prática e na interação com o mundo e com os outros. Portanto, instigar a criança em suas práticas, faz com que a criatividade possa crescer com base na própria imaginação, visto que é na infância que muitas habilidades são descobertas e nesse momento se torna necessário melhorá-las e até mesmo intensificá-las, para que a criança, ao se descobrir, se reconheça como produtora de sua própria formação.

É necessário termos ciência e compreendermos o que Sampaio, Rêgo e Saldanha (2020) afirmam ao relatar que o leitor não é um ser passivo, pois dialoga com o texto. Portanto sempre devemos estar atentos a forma como a leitura é realizada e como ela pode contribuir no universo do leitor, percebendo tais fatos principalmente a partir de momentos de relato pós-contação de histórias.

Dessa forma, podemos assegurar o quanto é essencial o momento de contação de história para crianças, principalmente em fase de alfabetização, na qual a criança pode se reconhecer na história contada, interpretar personagens e ser conquistada pela forma como ouve a narrativa. Como afirma Abramovich (2009, p. 16): “Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-la é o início de aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e compreensão de mundo”.

O fascínio despertado nesse momento é capaz de aproximar a criança do mundo literário, mostrando o quanto pode ser prazeroso conhecer coisas novas e aguçar a imaginação e criatividade através da leitura, isso é enriquecedor tanto para o/a aluno/a quanto para o/a professor/a, porque não existe algo mais gratificante do que o professor se deparar com um objetivo alcançado na prática, ou seja, perceber no aluno o que foi capaz de compreender, isso pode ser explícito em suas falas e atitudes, pois a criança que ouve de fato as histórias se torna capaz de apresentá-la em seu reconto, com riquezas de detalhes, além de saber inserir suas próprias características, tornando-a única e ainda mais compreendida por si.

Desse modo, torna-se possível despertar o prazer pela literatura e a busca pela leitura, considerando que a criança será beneficiada em diversos aspectos, a exemplo da escrita, ampliação do vocabulário, conhecimento de mundo e convivência com o outro. Isso porque tais atributos se desenvolvem com base na criatividade e na imaginação gerada durante toda a execução da história, podendo ir além, de acordo com a frequência e a importância destinada a esse método da contação e de reconto que pode acontecer nos mais variados locais que essa criança possa ter contato.

### **Prática literária: a intervenção em foco**

O presente trabalho é fruto de uma experiência com intervenção pedagógica exigida pela disciplina Formação do Leitor e Ensino de Literatura, do curso de Mestrado Acadêmico em Ensino, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, no Programa de Pós-graduação em Ensino (PPGE/UERN), que ocorreu no mês de maio do ano de 2021, em meio à pandemia causada pela covid-19 e ao ensino remoto, que passou a ser usado pela maioria das escolas desde meados de março do ano de 2020 até o final de

2021. Por esse motivo, a intervenção não pôde acontecer de forma presencial na escola, pois esta estava seguindo as recomendações dos decretos publicados em todo o país, que variavam de acordo com cada Estado, mas que tinham em comum a prática do ensino remoto, objetivando diminuir o contato entre as pessoas e conter a propagação do coronavírus. No entanto, ressaltamos que, com a permissão dos pais e responsáveis pelas crianças que participaram da pesquisa, contatados via Google Meet, a intervenção se efetivou no formato presencial, seguindo todas as medidas de segurança recomendadas pelo Ministério da saúde.

Para o desenvolvimento da proposta de intervenção, foram convidados/as 5 (cinco) alunos/as regularmente matriculados/as no 2º ano do Ensino Fundamental, de uma escola Municipal, a qual optamos por denominar de Escolas Asas da Imaginação, para assim preservar a identidade da instituição, localizada no município de Ereré, estado do Ceará.

Inicialmente, realizamos uma conversa com o Núcleo Gestor da referida escola e apresentamos como seria o trabalho, os objetivos e a forma de desenvolvimento. Logo após esse momento, realizamos uma conversa com a professora da turma a ser trabalhada, para apresentar a proposta de trabalho, e falamos sobre a disponibilidade de horário e de uma conversa com os pais e responsáveis pelos alunos.

Ambas as conversas aconteceram de forma remota pelo Google Meet e todos/as aceitaram a proposta apresentada, e assim foi possível um diálogo com os pais e responsáveis por meio do WhatsApp. Foram explicados os objetivos desse momento de intervenção, bem como a possibilidade de ser efetivada a intervenção com as crianças de forma virtual pelo Google Meet ou presencial, ressaltando que caso fosse escolhido presencial tudo seria realizado com todas as medidas de segurança, desde o distanciamento ao não compartilhamento de materiais das crianças. Os pais optaram pelo momento ser presencial, por possibilitar, de certa forma, um pequeno instante de interação das crianças com seus colegas, que mesmo seguindo as recomendações do distanciamento, proporcionaria uma forma de contato, deixando o trabalho mais produtivo.

A intervenção aconteceu em nossa casa, na sala de estar, que apresenta um espaço amplo e arejado, possibilitando o distanciamento recomendado entre as crianças, para as quais disponibilizamos máscaras de proteção facial e álcool em gel. Na ocasião,

compareceram apenas três crianças, sendo duas meninas, uma de sete anos e outra de oito anos, e um menino de sete anos. Os pais trouxeram as crianças para a realização desse momento que durou em média uma hora e meia. O ambiente foi organizado com vários livros infantis espalhados pelo chão, dispostos em forma de círculo. Na parede, foram colocadas imagens coloridas e variadas dos personagens da história e exposto o nome da história a ser contada que foi *Chapeuzinho Vermelho*, além de materiais disponíveis no chão, como lápis de cor, tintas, pincéis e folhas de papel ofício, todos em forma de *kits* individuais para que não houvesse o compartilhamento deles.

Como apresentado anteriormente, as crianças realizaram o preenchimento de um questionário, denominado questionário divertido, onde ficaram livres para responder a questões, desde identificação pessoal a aproximação com o mundo da literatura, além de apresentar elementos de seu cotidiano fora do mundo escolar. Antes do preenchimento, a leitura do questionário foi realizada e foram tiradas as dúvidas que iam surgindo a cada questão apresentada.

O questionário foi composto por 10 questões, sendo apenas duas questões subjetivas, possibilitando à criança expor mais fielmente suas características. O questionário foi elaborado de forma lúdica, colorido, e nas questões objetivas as crianças se deparavam com *emotion* de carinha feliz e de carinha triste, com os quais poderiam atribuir respostas positivas ou negativas, bastando apenas circular o *emotion* que estivesse de acordo com sua resposta. Também foi possível à criança criar sua própria identificação, como dizer de que forma gostaria de ser tratado, atribuindo, assim, um nome fictício que foi utilizado no decorrer da análise desse trabalho.

Dessa forma, as crianças foram apresentadas por seus nomes escolhidos: Sonic, sexo masculino, com sete anos de idade, Bela, sexo feminino, também com sete anos, e por fim Sabina, com oito anos de idade. Todas as crianças estudavam o 2º ano do Ensino Fundamental. Todos/as alunos/as já eram alfabetizados/as e conseguiram fazer leitura com facilidade, estando matriculados na escola de ensino fundamental denominada, ficticiamente, de Asas da Imaginação.

Primeiramente, as crianças foram recebidas com músicas e convidadas a se sentarem no chão ao redor de alguns livros, posteriormente realizamos a apresentação de umas às outras, com

base na dinâmica da apresentação de “Era uma vez...”, que se inicia com essa frase e vai falando sobre quem é, como se chama, o que gosta de fazer e o que mais achar necessário. Esse momento foi muito importante, pois as crianças ainda não se conheciam pessoalmente devido ao ensino remoto que estavam vivenciando desde o início do ano.

No segundo momento, as crianças foram convidadas a responder ao questionário, o qual foi nomeado de questionário divertido, por ser composto de forma lúdica, com diversas cores e imagens que imediatamente atraíam as crianças a responderem, em sua maior parte apenas circulando o *emotion* que representava a resposta escolhida. Antes de responderem, foi realizada a leitura com eles de todo o questionário, indagando se tinham dúvidas e se estavam compreendendo todas as perguntas.

Nesse questionário, a criança consegue responder de forma simples e divertida algumas questões como: seu nome, idade, ano que estuda, qual a proximidade com o mundo da leitura, seus contatos com os livros, seja eles impressos ou digitais, se a família incentiva a leitura, se em casa alguém lê para ela, se gosta de ler e como vê esse momento na escola, se conhece alguma obra/livro e qual sua história preferida.

Dando continuidade, iniciamos a contação de história da obra *Chapeuzinho Vermelho* (Irmãos Grimm), traduzida por Mariana Beer e ilustrado por Bruna Assis Brasil, acessado de forma virtual, no endereço eletrônico do site, disponibilizado pelo Projeto do Banco Itaú, através do projeto “Eu leio para uma criança”, uma história com animações desde a capa, com movimentos dos personagens, da floresta, dos animais e também alguns sons, detalhes esses que prendem a criança durante toda a apresentação e que nos auxiliaram ao longo da narrativa.

A contação da história se deu pela utilização dos métodos de leitura por andaimes de Graves e Graves (1995), como a pré-leitura, durante a leitura e pós-leitura. Esses três momentos são essenciais para um desenrolar satisfatório da contação de história. Diante disso, no momento de pré-leitura, é indispensável começar apresentando cores, fotos, capa, dialogando com o que já se pode imaginar que será trabalhado, induzindo a criança, mesmo que de forma indireta, a buscar em sua imaginação a forma como se dará o desenvolvimento da história. Mesmo já se tratando de uma história conhecida, esse momento é essencial para que a criança

possa se sentir mais próxima do que vai ser trabalhado e se reconheça como parte indispensável desse momento.

De acordo com Amarilha (2012), a prosódia é um elemento muito importante na contação de histórias, por isso contamos a histórias utilizando gesticulações, alterações na voz de acordo com os personagens, nos direcionando diretamente às crianças presentes para que se sentissem parte da história e próximas do enredo, podendo, assim, contribuir para a mobilização da imaginação e da criatividade das crianças, levando-a à inserção no mundo da literatura.

Nessa perspectiva, o conto *Chapeuzinho Vermelho* foi apresentado seguindo a proposta de Graves e Graves (1995), e de Amarilha (2012), levando em conta a necessidade da apresentação da literatura de forma lúdica do início até o fim. Após o momento de contação, sentamos no chão e conversamos sobre a história contada, deixando as crianças livres para dialogarem sobre o enredo.

Durante a conversa, as crianças deixaram nítido como eram os personagens que gostavam mais e que acharam lindas as imagens no decorrer da apresentação. Percebemos nesse momento fortemente presente a autonomia para se expressarem diante do que foi escutado e observado, o que denota um forte engajamento dos/as ouvintes com a história narrada, que de acordo com Torres e Souza (2015) é fundamental para o início de uma formação leitora profícua, pois ao se engajar com a literatura e vivenciar os mundos do ponto de vista literário, a criança começa a despertar para as possibilidades que a leitura apresenta.

Durante a contação da história, priorizamos a ludicidade como uma oportunidade para que as crianças pudessem atribuir significado ao que estava sendo narrado, levando em consideração que a efetivação de momentos de leitura através da prática de contar histórias, de forma a valorizar a narrativa apresentada se configura como um modo de desenvolver a criatividade e imaginação da criança (BEZERRA, 2020), tornando-se, assim, um meio de conquistar novos leitores, compreendendo o ato de ler por prazer e não por hábito, pois como afirma Villard (1999), ler por prazer é que pode formar leitores para a vida toda.

Após a conversa, continuando com o momento de pós-leitura, foram disponibilizados folhas, tintas e lápis de cor e proposto que as crianças realizassem um desenho recontando a história apresentada, da forma que achassem melhor. Ao final, as crianças apresentaram

seus desenhos/pinturas e explicaram também de forma oral o que haviam desenhado. Os desenhos e pinturas não foram analisados neste trabalho, pois escolhemos realizar a análise da conversa e do questionário.

As crianças disseram ter adorado o momento e ressaltaram na conversa que “ler é importante”. Nesse momento questionamos sobre o importante mencionado na frase, então Sonic respondeu: “Porque se não soubesse ler não ia poder ler as histórias”. Já a criança chamada Bela respondeu: “Não ia poder imaginar coisas”. Então lançamos a seguinte frase, para ver a reação deles: A leitura faz com que fiquemos..., e as respostas foram inúmeras, dentre elas destacamos: feliz, criativos, criar histórias, alegres. Com essas respostas, podemos inferir, a partir do referencial estudado, especialmente em Bezerra (2020) e Vygotsky (1991), que ao ouvirem a história e serem envolvidas em uma conversa sobre esta, as crianças atuam sobre o narrado, podendo mobilizar o potencial criativo e a imaginação a partir das emoções que a história suscita.

Ao final, questionamos se era melhor ouvir ou contar histórias e em uma só voz responderam que era melhor contar. Sobre esse aspecto, Sabina surpreendeu quando falou rapidamente: “Porque a gente usa nossa criatividade”, e Sonic destacou: “Que também fica aprendendo a ler”. No final, Bela disse que vai mudando a voz durante a história. Ao término desse momento divertido, foi entregue mimos de despedida e nos divertimos dançando e cantando músicas infantis.

Podemos então perceber o quanto essas crianças se identificaram com esse momento, que proporcionou aprendizado de forma livre, construído por elas a partir da interação com a história e com os/as colegas no momento de conversa, ao se posicionarem a respeito do que viram e ouviram na experiência com a narrativa, além de perceberem que tudo isso foi possível através de um momento prazeroso e divertido com a literatura. Esses momentos de contato prazeroso com a literatura são relevantes para revelar às crianças que a leitura pode ir muito além da decodificação, como enfoca Villard (1999). Isso porque foram momentos descontraídos, que prenderam as crianças do início ao fim de seu desenvolvimento, deixando-as livres para conversarem e exporem suas ideias.

Referente à aplicação do questionário, a primeira pergunta trata de saber se as crianças costumavam ler livros no seu dia a dia, sejam livros impressos ou em formato digital. Apenas a criança

denominada Bela marcou a resposta como sim, os outros dois alunos assinalaram a alternativa não. A segunda pergunta intencionava saber se tinham livros de história em casa, e todos responderam que sim, ou seja, possuíam livros em casa. A terceira pergunta buscava saber se em casa alguém incentivava elas a lerem, e nessa pergunta apenas Sabina disse que não.

Quando foram indagadas na quarta pergunta se em casa alguém lia para elas, apenas Sabina respondeu novamente que não, coerente com a pergunta e a resposta anterior. Na quinta pergunta, questionamos se elas gostavam de ler (vale ressaltar que todas as crianças que participaram já realizavam leitura e escrita de forma média ou avançada), e mais uma vez a criança Sabina afirmou não gostar de ler, diferentemente das outras duas crianças, Sonic e Bela, que responderam que sim.

A pergunta de número seis foi feita de forma subjetiva onde as crianças responderam a pergunta sobre qual era a história preferida delas, e nesse momento escreveram suas histórias favoritas. Sonic disse que adorava a história dos *Três Porquinhos*, Bela e Sabina frisaram que gostavam mais da história da *Cinderela*. As próximas perguntas, sete e oito, são interligadas, nas quais questionamos se elas gostavam de contar histórias e para quem costumavam contar. Nessa questão elas perguntaram se a história teria que ser histórias dos livros, e ressaltamos que não, que podiam ser histórias ou contos criados por eles mesmos, ou reconto de histórias que gostavam. Dessa forma, todos responderam que sim, que gostavam de contar histórias. Sonic afirmou que contava para seu irmão, Bela disse contar para sua mãe e Sabina que contava histórias para sua prima.

Por fim, nas questões nove e dez, as crianças se deparam com perguntas relacionadas com os momentos de contação de história em sua escola, mais especificadamente na sala de aula. Na questão nove foi perguntado se na escola havia momentos de leitura, e todos responderam que sim. Já na questão dez foi questionado se gostavam desse momento, e todos afirmaram também que sim.

Ainda na questão dez tinha um espaço para elas escreverem o porquê de gostarem desse momento, mas as crianças afirmaram que não tinham muitas lembranças das contações de história desde o ano passado, porque devido à pandemia tiveram apenas um mês de aula presencial no ano de 2020, e em 2021 ainda não tinham tido essa oportunidade. Nesse momento, perguntamos se no formato on-line/remoto não tinham vivenciado a prática da

contação de história. Sobre isso, apenas a criança Bela afirma que sim, mas que não era legal. Nesse momento, relataram parte da educação infantil, na qual tinham mais lembranças, e ficaram bem empolgadas contando que eram divertidos esses momentos, em que as professoras se fantasiavam e às vezes elas também.

Então, o que podemos apreender a partir da análise desse questionário respondido pelas crianças? Podemos perceber o quanto é indispensável trabalhar em casa, na família, a prática da leitura, principalmente nesse processo de alfabetização que as crianças colaboradoras desta pesquisa estão vivendo, para que levem para a vida o prazer de buscar nos livros não somente conhecimentos teóricos, mas contribuições indispensáveis para a formação humana, a consciência crítica, além da própria fala e suas formas de se expressar, no reconhecimento social e também ajudar a sentir-se seguro em suas afirmações e colocações.

A contação de história deve ser, necessariamente, uma prática cotidiana, seja no ambiente familiar ou na escola, como afirma Abramovich (2009), de modo que tanto o professor quanto a família devem estar atentos às expressões criativas da criança e como esses processos de contação e reconto de história chegam a contribuir no interesse dessas crianças por mais momentos semelhantes, induzindo-as à procura por livros, por novas histórias, na expectativa de vivenciar novas aventuras, que contribuirão com o desenvolvimento da imaginação e da criatividade, por suscitar nas crianças inquietações e dúvidas, assim como mostra o trabalho de Abramovich (2009). Ao inquietar-se com a história, a criança busca a compreensão de aspectos importantes para a formação do sujeito, o que desencadeia uma melhor formação social, cultural e pessoal.

La Torre (2005) deixa claro em seus estudos, que a criatividade está presente nas ações dos indivíduos como um todo, de modo que não se aplica somente na criação de algo extraordinário, grandes invenções ou descobertas, mas na forma que aperfeiçoamos nosso meio, através dos conhecimentos adquiridos nele. Nesses aspectos, percebemos o quanto muitos ainda têm uma ideia defasada do entendimento sobre criatividade. Bezerra (2020, p. 131) postula em suas afirmações que “[...] as pesquisas realizadas revelam que a criatividade vai muito além de inventar algo novo de forma espontânea. Ser criativo pode ser encarado como uma das habilidades necessárias ao ser humano em sua condição de ser racional e em constante evolução”. Assim, compreendemos a criatividade e a

imaginação como aspectos que fluem de forma constante, através dos quais fazemos nossa própria evolução e do que está ao nosso redor, e consideramos a prática da contação de histórias como um caminho profícuo para proporcionar um maior desenvolvimento desses aspectos nas crianças.

Com efeito, os postulados teóricos como os de Vygotsky (1991), Bezerra (2020) e Amarilha (2012), nos levam a compreender a relação intrínseca existente entre a criatividade e a imaginação infantil e a busca pela formação do gosto pela leitura nas crianças, especialmente no tocante à contação de histórias, que pode ser usada como estratégia de formação leitora no contexto escolar, podendo ser fortalecida no ambiente familiar, possibilitando a obtenção de resultados positivos na trajetória formativa da criança.

## Conclusão

O trabalho desenvolvido traz como objetivo geral incentivar e compreender a prática da leitura como formadora do leitor por prazer através da contação de histórias para crianças. Nessa perspectiva, faz-se necessária a observação da autonomia dessas crianças e do processo de criatividade e a imaginação infantil despertada quando a literatura é introduzida como instrumento lúdico de aprendizagem. Além disso, apresentamos como objetivos específicos, estimular e desenvolver a criatividade e a imaginação através da contação e do reconto de histórias.

Sendo assim, foi possível perceber o quanto as crianças participaram e se sentiram empolgadas pela contação de história, mesmo sendo uma história que já tinham ouvido e que conheciam claramente, pois ao longo da conversa pós-contação, as crianças se expressaram de forma criativa, trazendo ideias coerentes a respeito da narrativa.

A forma como foi trabalhada, cantando, conversando, trazendo-as para próximo do conto, deixando-as livres para conversar e expressar suas ideias e observações, fez toda a diferença nesse momento de contação, fortalecendo evoluções de expressões orais que denotaram a interação entre os/as ouvintes e o texto narrado, pois as crianças mostraram compreensão dos personagens e seus papéis dentro da história. Esses aspectos ficaram evidentes no momento em que as crianças revelaram em suas falas a compreensão de que a contação de histórias tem uma relação íntima com a leitura.

Observamos a curiosidade e a criatividade presente desde a conversa pós-contação, na qual as crianças deixaram claro que o momento da narrativa desperta a curiosidade e aguça a imaginação, além de provocar a mobilização do conhecimento, como foi evidenciado no questionário ao responderem sem dificuldades às perguntas propostas, mostrando que a literatura é uma importante aliada na formação das crianças, em especial na formação leitora.

Podemos, dessa forma, compreender o quanto a prática literária pode ser instigada de forma simples em momentos já existentes na sala de aula, favorecendo o aprendizado das crianças e não custando tanto investimento por parte de tempo, aproveitando momentos da própria aula para acontecer a contação de histórias.

Diante da análise dos momentos de leitura e prática leitora, fica explícito o quanto as crianças gostam de se sentir autoras durante todo o processo, mostrando que foi possível alcançar o objetivo geral desse trabalho, que é estimular a prática leitora como formadora do leitor por prazer, possibilitando, assim, a aproximação da criança do mundo literário, que muitas vezes é apresentado de forma repetitiva e não convidativa, fazendo com que ela acabe fugindo de toda uma conquista e do sentimento de autorreconhecimento, que é indispensável para que se torne mais próxima e conquistada pelo poder da leitura. Poder esse que na criança pode ser acompanhado de contação de história, momento que faz a criança enxergar mundos dentro da história contada.

Em síntese, foi possível observar ainda que o acompanhamento da família é algo de grande valia para que a aproximação do mundo literário se faça presente na vivência das crianças, além de possibilitar que a prática da leitura seja levada para a vida, construindo adultos com potencial crítico, reflexivo e criativo aguçado, além de pessoas atuantes socialmente e conhecedores de si, de sua realidade, tornando-se seres autônomos e seguros em suas perspectivas e ideais pessoais e sociais.

## Referências

ABRAMOVICH, F. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2009.

AMARILHA, M. Silêncio e hora da narrativa na escola. In: AMARILHA, M. *Estão mortas as fadas: literatura infantil e prática pedagógica*. Petrópolis: Vozes: Natal: EDUFRN, 2012.

BEZERRA, K. G. C. S. *Expressão criativa subjetividade na contação de histórias no programa Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas - BALE*. 245 f. 2020. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros, 2020.

GRAVES, M. F; GRAVES, B. B. *A experiência de leitura por andaime: uma referência flexível para ajudar os estudantes a obter o máximo do texto*. USA: UKRA, 1995.

**GRIMM, I.** Chapeuzinho Vermelho. *Estante digital*, 2020. Disponível em: <https://www.euleioparaumacrianca.com.br/estante-digital/chapeuzinho-vermelho>. Acesso em: 24 maio de 2021.

LA TORRE, S. *Da identificação à criatividade paradoxal: dialogando com a criatividade*. São Paulo: Madras, 2005.

SAMPAIO, M. L. P. RÊGO, R. Q. SALDANHA, D. M. L. L. Estratégias de mediação da leitura de textos literários no Programa Bale Micaelense. *Revista Entreletras*, Araguaína, v. 11, n. 1, jan./abr. 2020. Disponível em: <file:///C:/Users/ACER/AppData/Local/Temp/7356-Texto%20do%20artigo-40583-1-10-20200501.pdf>. Acesso em: 27 maio 2021.

SAMPAIO, M. L. P. TORRES, M. G. P. SOUZA, M. H. F. Ler é encantar-se, configurar-se e transformar-se numa 'terceira história': a autoformação no programa biblioteca ambulante e literatura nas escolas (BALE). *Leitura em Revista iiLer / Cátedra Unesco de Leitura PUC-Rio* n. 8, 2015. Disponível em: [https://iiler.puc-rio.br/ler\\_anteriores/Ler-8.pdf](https://iiler.puc-rio.br/ler_anteriores/Ler-8.pdf). Acesso em: 27 maio 2021.

VILLARD, R. *Ensinando gostar de ler e formando leitores para vida inteira*. Rio de Janeiro: Qualitymark/Dunya, 1999.

VIGOTSKY, L. S. *A formação social da mente: o desenvolvimento social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1991. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3317710/mod\\_resource/content/2/A%20formacao%20social%20da%20mente.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3317710/mod_resource/content/2/A%20formacao%20social%20da%20mente.pdf). Acesso em: 27 maio 2021.

---

Submissão em: 02/06/2022  
Aceite em: 27/10/2022